

O conceito de Empatia sob a perspectiva da Psicologia Contemporânea

*Natasha Cristina de Oliveira e Simone Bandeira*  
*Artur Vandr  Pitanga*  
Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica

O trabalho foi realizado como requisito parcial   obten o do título de gradua o em Psicologia pelo Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica.

Nossos agradecimentos são, primeiramente   Deus,   nossas famílias, professores e nosso orientador Prof. Dr. Artur Vandr  Pitanga.

Realizou-se análise conceitual sobre o que   empatia e seu impacto na rela o terapêutica.

### **Resumo**

Etimologicamente, empatia tem sua origem na Grécia antiga trazendo a ideia de ser afetado por algo. Através da evolução sociocultural, o termo também se desenvolveu. O presente trabalho alicerçou-se na relação do termo e sua aplicabilidade dentro da relação terapêutica analítico-comportamental. Os objetivos foram entender a etimologia do conceito sob diferentes perspectivas culturais, e também sob as três principais bases epistemológicas da Psicologia, humanista, psicanalítica e behaviorista. A pesquisa bibliográfica se pautou no método qualitativo realizado através da análise conceitual do termo empatia. Utilizou-se estudos publicados nos últimos 11 anos, em língua portuguesa e inglesa, em periódicos eletrônicos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scielo, Revista Eletrônica dos Psicólogos e livros de literatura brasileira. Percebeu-se que indivíduos, em que a empatia foi estabelecida, submetidos à relação terapêutica analítico-comportamental tem maior probabilidade de ganhos significativos individuais e sociais, devido ao processo de generalização, do que indivíduos que não conseguem estabelecer o processo empático. Entretanto, embora desde 2012 pesquisas sobre a temática tenham se intensificado, as mesmas sob a égide analítico-comportamental ainda se encontram discretas. Conclui-se então, ser a empatia premissa para a relação terapêutica eficaz promovendo a prevenção e tratamento da saúde mental de indivíduos que se submetem à relação terapêutica analítica-comportamental. Ademais, é necessário maiores pesquisas científicas sobre a temática para contribuição à comunidade científica e promoção de ganhos à população brasileira.

**Palavras – Chave:** empatia, psicologia, humanismo, psicanálise, behaviorismo

## O conceito de empatia sob a perspectiva da Psicologia Contemporânea

O tema “empatia” aparece atualmente na cultura a partir de palestras, vídeos de divulgação popular acessíveis, livros e conversas cotidianas e, recentemente, passou a ser interesse de áreas da Psicologia. A ideia é entender o conceito de aceitação da imperfeição e vulnerabilidade do ser humano, pois assim o indivíduo terá condições de conseguir se colocar no lugar de outro indivíduo e se sentir o mais próximo possível de sua realidade (Brown, 2012).

A palavra “empatia” tem origem grega, *empathia*, que significa paixão ou ser muito afetado por algo. Esse conceito é também apresentado através do termo alemão *Einfühlung* que tem sua significação acerca do processo de imitação interna, que ocorre a partir da apreciação de objetos de arte, empatia por objetos inanimados (Sampaio, Camino & Roazzi, 2009).

No universo das psicoterapias, a empatia é compreendida sob diferentes orientações clínicas. A eficácia do tratamento é observada quando a empatia é manifesta pelo terapeuta, haja vista que, se a empatia não ocorrer, haverá, provavelmente, prejuízos no vínculo terapêutico, impedindo que o progresso aconteça, podendo ser até nocivo, sobre a vida individual e social do cliente (Formiga, 2012).

Compreender o conceito de empatia pode oferecer ao psicólogo uma tomada de perspectiva que implica, além da disposição de ouvir, perceber componentes verbais e não verbais que facilitem o compartilhamento de experiências. Esse entendimento permite ao profissional perceber que há uma classe de respostas cuja função está relacionada à manutenção da relação entre terapeuta e paciente, com base na compreensão e na expressão de sentimentos na relação terapêutica (Zaclis, 2016).

Entender como a empatia é compreendida dentro da relação terapeuta e paciente é o alicerce temático deste trabalho. Os objetivos, para além da compreensão na relação terapêutica, é apresentar a empatia, conceitualmente, nas perspectivas humanista e psicanalítica, além do mais, buscar entender como o termo é aplicado no *setting*, bem como observar se há benefícios terapêuticos para o indivíduo em contato com o profissional que promove empatia em seu trabalho clínico.

A presente pesquisa de conclusão de curso tem relevância para a comunidade acadêmica e profissional, por contribuir para formação em psicologia, possibilitar reflexões sobre o que permeia a relação terapeuta paciente e compreender as possibilidades de atuação da psicologia clínica e suas abordagens fundamentais. Para tanto, apresenta uma pesquisa a partir da bibliografia disponível sobre a temática proposta (empatia) como primeiro momento.

## Desenvolvimento

Compreender a empatia é um processo. É necessário um diálogo entre as fontes para se entender em sua complexidade. Para tal, percebeu-se a necessidade de realizar o estudo direcionando a pesquisa para entender em como a comunidade brasileira percebe o conceito de empatia e como a comunidade acadêmica contribui para essa percepção.

Para um indivíduo não causar prejuízos a si e ao próximo é necessário o emprego da empatia diante todas as relações que construa. Assim, o termo se caracterizaria como a capacidade emocional de se colocar no lugar das outras pessoas, percebendo o que elas sentem e ficando atentos às consequências que suas ações poderão ter na vida delas, mesmo que essas consequências não sejam imediatas (Vieira, 2017).

A empatia pode ser entendida, a partir de estudos atuais, como uma das competências emocionais relacionadas a habilidade que um indivíduo tem de se relacionar com outro indivíduo, ou seja, com o que se entende por competência emocional social. Na ausência dessa habilidade, ocorre uma ruptura de competência que compõe ou deveria compor esse indivíduo. Em longo prazo, essa incompetência poderia contribuir para a construção de um repertório de comportamentos sem plena consciência ou capacidade de perceber os sentimentos de outra pessoa (Vieira, 2017).

Titchener (1909, citado por Sampaio, Camino & Roazzi, 2009) como o primeiro autor a traduzir o termo “empatia” descrevendo-a como a capacidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de raciocinar de maneira análoga a ela através de um processo de imitação interna por pessoas com mesmo nível intelectual e moral. Na década de 40, esse conceito foi objeto de reflexão de estudiosos como Freud, Allport e Reik. Contudo, foi a partir da década de 50 que o termo começou a ser investigado e aplicado na prática psicoterapêutica através de Carl Rogers.

A Terapia Centrada no Cliente, de Carl Rogers, descreve como o terapeuta seria o responsável pelo desenvolvimento do cliente dentro de uma atmosfera sem ameaças, segundo Fontgalland (2011, citando Moreira 2010), em seu artigo “A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante”. Essa promoção aconteceria por condições facilitadoras como congruência ou autenticidade, aceitação positiva incondicional e a empatia. O cliente seria alvo da atenção do terapeuta, e este, por meio da compreensão empática, deixaria de ser passivo para ser um agente ativo na relação. Essa relação então, proporcionaria ao cliente condições para a manifestação da capacidade de auto atualização, desenvolvendo a capacidade de profunda compreensão e crença em si mesmo.

Ainda de acordo com Sampaio et al. (2009) os estudos de Rogers proporcionaram o desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Nessa abordagem o terapeuta busca estabelecer um clima terapêutico adequado, desenvolvendo sentimentos empáticos pelo cliente, propiciando a ele um ambiente autêntico, de aceitação incondicional sobre seus pensamentos, comportamentos, comunicação e sentimentos. Para melhor compreensão, podemos vislumbrar através da imagem mental de um paciente que possui um espaço terapêutico, como uma sala de atendimento, em que o psicoterapeuta estabelece proximidade, ambiente seguro, livre de julgamentos. Um local onde há liberdade para o paciente ser quem realmente é e consiga se expressar por completo, demonstrando seus medos, inseguranças, sonhos e crenças. Esse ambiente só seria possível se houvesse o desenvolvimento da empatia e, por conseguinte, a formação de um vínculo seguro com o paciente.

A teoria evolucionista entende a empatia como uma capacidade inata do ser humano de captar sinais, com finalidade de sobrevivência das espécies, segundo Zaclis (2016). Em função de sobrevivência o desenvolvimento da empatia ocorreria a partir da socialização do ser humano, desde a infância, no contexto familiar e poderia ser bem ou mal desenvolvida a depender do ambiente inserido.

A Psicologia Social reconhece a importância da empatia como característica do ser humano como ser social. Na década de 1960, vários autores desenvolveram pesquisas buscando entender o comportamento de ajuda, distribuição e mediação através de constructos motivacionais como altruísmo, dependência e empatia. O objetivo dessas pesquisas era entender por que algumas pessoas se engajavam em ajudar outras, e em quais circunstâncias isso se tornaria mais provável, e qual seria o papel da empatia nessa decisão de ajuda (Sampaio et al., 2009).

A empatia pode ser construída através da convivência familiar, da escola e dos educadores, de acordo com Olmos (2015). Na construção da empatia, a escola e o trabalho dos educadores ganham destaque, sendo através desses contatos que a empatia pode ou não ser apreendida e desenvolvida. Seria através do contato com os valores sociais que a criança, por exemplo, conseguiria se reconhecer no outro e aprender a aceitar as próprias limitações, indo em direção contrária ao preconceito, haja vista este ser uma condição impeditiva à empatia.

A empatia não é somente compreender o lugar do outro de forma racional. Vai além. É uma conexão que se dá através do âmbito emocional e pessoal dos indivíduos. Sendo assim, a escola deve ser o local de encontros, de convivência entre pessoas diferentes, sendo mais integrativo e agregador. Isso porque através do convívio com pessoas diferentes e diversas condições socioeconômicas se promove maiores condições de desenvolvimento afetivo, identificação, solidariedade e empatia.

Sociedades segregadas promovem crianças e cidadãos preconceituosos e tendenciosos a reduzir pessoas e situações de vida a estereótipos, segundo Cupertino (2015). Assim, o desenvolvimento da empatia na rede escolar promove a tolerância. Podemos perceber situações assim em escolas em que crianças sofrem abusos verbais e, até físicos, de seus pares por serem vistos como diferentes.

O educador auxilia a criança no seu contato com a realidade. A escola teria o papel então, de transcender o universo familiar, de acordo com Olmos (2015). É a partir do vínculo formado com a criança que o educador empático ensina o aluno a lidar com a diversidade e com os conflitos. Esse lidar ocorre através do ensino de identificação e de descoberta de recursos de enfrentamentos em como encarar e lidar com a realidade de forma menos traumática.

A empatia é compreendida, de outro modo, como a capacidade de considerar e respeitar os sentimentos alheios, de se colocar no lugar do outro, ou vivenciar o que a outra pessoa sentiria caso estivesse em situação e circunstância similar (Silva, 2008).

Desenvolver a empatia diante da discórdia nas relações interpessoais sobre algum assunto pode ser difícil, como em situações de diferenças morais, como julgamentos sobre atos de violência, por exemplo, segundo Cupertino (2015). Entretanto, sobre a necessidade da empatia na convivência humana, é desejável que o indivíduo aprenda a se colocar no lugar do outro, mesmo que esse lugar seja recriminável. Essa atitude não significa relativizar ou anular princípios humanistas básicos, mas seria uma forma de entender o mal como uma criação social, com história, com vivências que poderiam ter sido evitadas.

A preocupação com a falta de empatia nas relações entre as pessoas é uma das principais razões para o desenvolvimento de estudos conhecidos como *neurolaw*<sup>1</sup>. Esses estudos desprendem uma preocupação em entender como levantar questões complexas sobre culpa, livre-arbítrio e culpabilidade de um indivíduo. Preocupação em compreender como um indivíduo consegue ou não perceber os sentimentos do outro e agir sobre isso. Entender como uma pessoa consegue ser produtiva e ética em seu meio social partindo do pressuposto de que essa pessoa infere julgamentos sobre as situações que vive. Esse estudo compreende a intersecção entre direito e ciência, envolvendo imagens cerebrais e técnicas neurocientíficas para determinar as causas biológicas que interferem nesses julgamentos (Andrade, Cartaxo & Mota, 2018).

Sob a perspectiva da ciência neurológica, acima mencionada, Beadle (2013) compreende que a empatia está relacionada com o entendimento dos processos mentais de um indivíduo. Esses

---

<sup>1</sup> Não há ainda definição específica sobre o termo “*neurolaw*” nos dicionários de língua inglesa ou portuguesa. O termo é referenciado em artigos científicos na área de direito entendido como neurodireito, sendo escrito através de uma palavra e compreendida como a influência da neurociência na definição dos limites do juízo e consciência moral.

processos mentais acontecem através da área cerebral do hipocampo. O sentir empatia por outra pessoa que está sofrendo é necessário para a regulação de suas emoções e distinção das mesmas. Para que isso aconteça é preciso que o indivíduo busque as memórias pessoais aprendidas pelas experiências que teve, para então, guia-lo para o comportamento adequado requerido no presente. Esse comportamento aprendido pode ser proporcional ou desproporcional ao que requer a situação, bem como pode ser automático e inconsciente ou consciente, quando requerido pelo indivíduo. Um comprometimento então, no hipocampo, pode produzir implicações deficitárias em sua capacidade empática.

Para o ser humano se desenvolver de maneira saudável é necessário o desempenho de habilidades sociais empáticas, como autocontrole da reação imediata ao comportamento do interlocutor. A observação dos sinais da situação vivenciada, incluindo as não verbais como postura, gestos, forma de olhar, gagueira, pausas ou fala rápida, a tomada de perspectiva, também fazem parte desse desenvolvimento, que significa se colocar no lugar do outro, e a disposição em ouvir. Essas características observadas e compreendidas facilitam o compartilhamento de experiências, segundo Zaclis (2016). Nesse sentido, a empatia seria o conjunto de respostas que um indivíduo emite diante outro indivíduo em que a principal função é a manutenção de suas relações com base na compreensão e na expressão dos sentimentos envolvidos.

O desenvolvimento infantil demonstra que a natureza humana é predisposta a se concretizar através da interação social e do vínculo, de acordo com Rios (2013). A psicologia do desenvolvimento permite, então, observar que desde cedo o bebê exibe motivações para se comunicar com pessoas, o que demonstra que por meio da interação se está pronta para estabelecer estados intersubjetivos, intrínsecos à espécie humana.

Fator (2010) retrata que o entrelaçamento de vínculos pessoais, reais ou imaginários que o indivíduo percebe, acontece através de afinidades recíprocas entre pessoas e coisas. Essas inter-relações podem mudar por níveis de preferência, determinações socioeconômicas e aproximações afetivas, chamada de fator tele. A expansividade afetiva é denominada como fator tele mencionado ou tele sensibilidade, que significa a capacidade de se perceber, de forma subjetiva, o que ocorre nas situações que se passa entre as pessoas, também sendo mencionada pelos autores humanistas como empatia bilateral.

Do ponto de vista fenomenológico a empatia é a experiência de participar do estado emocional do outro e, assim, compreendê-lo, segundo Rios (2013). Entretanto, na empatia, os observadores ficam cientes do fato de que a emoção ou intenção das quais participam é realmente a emoção ou intenção do outro. Não se trata de um mero contágio emocional.

Para Brown (2012) a empatia é um tipo de conexão, não havendo maneira certa ou errada para tal. Seria o escutar, criar espaço para a sinceridade, sem julgamentos, desenvolvendo uma conexão emocional demonstrando que a outra pessoa não está passando por seu sentimento sozinha. Logo, o psicólogo deve ser empático proporcionando um ambiente de confiança e que, como resposta, o paciente estará realmente presente na relação terapêutica.

A psicanálise contempla a interpretação do processo empático através da ideia de transferência e contratransferência, segundo Filho (1992). O psicanalista usa a percepção interna e externa, capta os diferentes sinais do paciente, percebe, organiza e reconstrói a realidade. O núcleo de observação seria o espaço mental, onde as sensações e percepções do indivíduo se fundem e se apresentam através dos sonhos e fantasias que somente o analista está preparado para perceber. Podemos perceber a empatia diante a ótica psicanalítica no atendimento em que o analista escuta o inconsciente do paciente representado através de seus sonhos e o interpreta sem julgamentos pessoais, mas como conteúdo advindo da percepção que o próprio indivíduo teve acerca de fato específico, podendo ser este conteúdo traumático.

Para Semer (2010) o compartilhar a experiência profunda do paciente acontece especificamente quando a mente do paciente encontra conforto e, se organiza quando o analista se mantém em sua função com autoridade e humildade. A contratransferência é uma passagem necessária, mas não suficiente para a condição empática. Ela é um caminho para que o analista entre em sintonia com o mundo interno do paciente, para compartilhar a qualidade e a intensidade de suas relações com os objetos internos. O compartilhar é um precursor da empatia, que ocorre como resultado integrado e harmonioso do processo de compreensão, com a escuta e organização de sensações e pensamentos.

A empatia está relacionada com a aceitação pelos pares, com o ajustamento social, com o desempenho acadêmico e com a saúde mental, tornando-se um aspecto fundamental para o desenvolvimento sociocognitivo do indivíduo (Rios, 2013). Pessoas empáticas são capazes de apresentar melhores condições de se orientar em relações interpessoais variadas, bem como na diversidade de suas vidas profissionais, familiares, além de melhor contato com indivíduos de outros grupos étnicos e culturais.

Na vivência da terapia, de acordo com Sampaio et al. (2009), a empatia seria um processo experiencial com várias fases e que envolvem elementos próprios ao *setting* terapêutico. Os humores do terapeuta e do cliente e o próprio desenrolar da psicoterapia são exemplos desses elementos.

Ainda segundo Sampaio et al. (2009) a empatia no *setting* terapêutico, ocorre em três etapas: a escuta atenta do psicoterapeuta tentando compreender cognitivamente o cliente, tomando sua



perspectiva; o aprofundamento emocional por parte do terapeuta, se sensibilizando pelo que observa no relato do cliente e; o resultado do aprofundamento no sentimento de unicidade com o cliente.

A empatia é então, um constructo complexo. É necessário que entendamos quando houve sua conceitualização, os primeiros estudos acerca do tema, como cada base epistemológica da Psicologia a menciona, como ela se origina e se há condições para que se desenvolva. Para além de suas origens, que implicações há para a existência ou não de empatia sobre a vida de um indivíduo e de quem o circunda, e se há maneiras de ser estabelecida após um repertório de comportamentos já instalado.

Há importância de se perceber também a empatia além das implicações subjetivas individuais. Faz-se necessário que percebamos se há produção científica que traga confiabilidade ao seu emprego ou não dentro da relação terapeuta-paciente e que ganhos ou prejuízos isso pode causar a vida indivíduo submetido à terapia.

A psicologia contemporânea nos proporciona essa visão. Atualmente os estudos têm demonstrado quão importante, até vital, é o estabelecimento da empatia sobre a vida do ser humano, suas relações e dentro da espera psicoterapêutica. É necessário uma visão de forma sistêmica, multidisciplinar, demonstrado no cuidado, acolhimento, escuta e empatia, para então conseguir transmitir a real ideia do que é Ser no mundo.

## **Método**

O presente trabalho de conclusão de curso é de natureza qualitativa e bibliográfica. Trata-se de um estilo de pesquisa que pode ser considerado como primeiros passos para compreensão de fenômenos no campo de atuação e cultura da Psicologia. Começar pesquisas buscando compreender, a partir da bibliografia disponível, conceitos que permeiam a Psicologia contemporânea permite o levantamento de questionamentos e reflexões para pesquisas futuras de maior elaboração, tempo e planejamento metodológico.

A pesquisa qualitativa, segundo Goldenberg (1997, citado por Gerhardt & Silveira, 2009), não tem como preocupação a representatividade numérica. Pelo contrário, sua preocupação se firma no aprofundamento da compreensão de um grupo social, organização ou um conceito. Segue-se um modelo oposto ao modelo positivista, haja vista o pesquisador não emitir julgamentos, preceitos e crenças que contaminem a pesquisa. Busca-se explicar o porquê das coisas sem quantificar valores, pois os dados analisados são resultados de interação e podem se valer de diferentes abordagens. O

que importa é que a pesquisa seja capaz de produzir novos conhecimentos a partir de dados que transmitam a realidade que não pode ser quantificada, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

A pesquisa bibliográfica, também Gerhardt e Silveira, 2009, agora citando Fonseca, 2002, é realizada por referências teóricas já analisadas e publicadas em livros, artigos científicos, páginas eletrônicas. Ao pesquisador é permitido conhecer o que se estudou sobre o assunto com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o tema pesquisado sobre o qual se procura respostas.

O estudo foi baseado em estudos publicados em periódicos indexados na área da Psicologia e dissertações e teses produzidas em programas da mesma área, disponíveis de forma eletrônica, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scielo, Google acadêmico e Revistas Eletrônicas, bem como em livros da literatura brasileira com a finalidade de compreender como o tema está sendo pesquisado e estudado.

Foram utilizados descritores definidos como palavras-chaves para o tema:

- Empatia; psicologia; humanismo e psicanálise;

Como critérios de inclusão foram utilizados os seguintes vieses:

- Publicações nos últimos 11 anos;
- Literatura na língua portuguesa e inglesa.

O planejamento estrutural-metodológico de pesquisa permite ao pesquisador se deparar com possíveis dificuldades ou limitações. Por isso, estrutura-lo faz-se vital para o desenvolvimento da pesquisa. É necessário que se defina a forma como o conhecimento científico será produzido, que caminho será percorrido para um objetivo específico. Diante o método adotado, as possíveis limitações se encontram na dificuldade de precisão dos dados coletados. Isso porque muitas vezes as fontes secundárias podem apresentar processamento de dados equivocados. Percebe-se assim, que os pesquisadores devem se assegurar sobre as condições em que se obtém as informações e analisar com profundidade cada uma delas para observar possíveis incoerências ou contradições utilizando diversas fontes. A comparação e o diálogo entre essas fontes promove a confiabilidade e veracidade do estudo.

## Resultados e Discussão

**Tabela 1.**  
Apresentação de resultados

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Método</b>	<b>Fonte</b>
Silva	Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado	Dissertativo teórico	Livro
Sampaio e Colaboradores	Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia	Pesquisa Qualitativa Bibliográfica	Revista
Semer	A empatia psicanalítica	Resenha	Revista
Fator	A teoria psicodramática e o papel profissional	Pesquisa Conceitual Teórica	Artigo
Fontgalland	A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista fenomenológico iniciante	Pesquisa Qualitativa de Campo	Artigo
Formiga	Os estudos sobre empatia: reflexões sobre um constructo psicológico em diversas áreas científicas	Pesquisa Qualitativa Bibliográfica	Revista
Brown	A arte da imperfeição	Dissertativo teórico	Livro
Rios	Análise do desenvolvimento de empatia aos dois anos de idade: contexto de criação e presença de depressão pós-parto	Pesquisa de Campo	Artigo
Beadle e Colaboradores	Empathy in hippocampal Amnesia	Pesquisa Quantitativa Exploratória de Campo	Artigo
Olmos	A importância da empatia na educação – Empatia: algumas reflexões	Dissertativo teórico	Revista
Zaclis	Comportamento éticos/morais: em foco a produção de artigos da análise do comportamento compreendida entre os anos de 2002 e 2015	Pesquisa Conceitual Teórica	Artigo
Cupertino	A importância da empatia na educação	Pesquisa Qualitativa Descritiva	Revista
Vieira	O poder da autorresponsabilidade: a ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo	Dissertativo Teórico	Livro
Andrade e Colaboradores	Neurolaw e as perspectivas para uma análise objetiva do comportamento sugestionado: repercussão das falsas memórias na esfera penal	Dissertativo teórico	Revista

As produções são apresentadas em sua maior intensidade via artigos e revistas eletrônicas. As publicações apresentam em sua maioria autores singulares, sem coautorias, o que significa que as produções se referem a autores que promovem conhecimento a partir de suas experiências, sendo observado pela quantidade de pesquisas qualitativas com essa modalidade de autoria. As pesquisas realizadas são em maior parte qualitativas até o ano de 2012, prosseguindo com pesquisas quantitativas e dissertações teóricas.

A presente pesquisa permitiu analisar o entendimento cultural pelo termo estudado e como essa compreensão se refere a uma pequena parte do todo complexo e intenso em que a empatia se estabelece.

Com o advento da tecnologia, as produções científicas têm suas publicações disponibilizadas, em sua maior parte, em plataformas eletrônicas como as utilizadas neste trabalho. Contudo, a produção literária impressa ainda encontra espaço no meio acadêmico. Percebeu-se também ser em meio acadêmico o locus de maior produção científica acerca do tema.

As produções teóricas têm se intensificado a partir do ano de 2012 no Brasil. O olhar mais atento sobre a temática versa sobre a relação terapêutica. Contudo, as pesquisas ainda têm se mostrado mais sob uma perspectiva teórica do que vivencial dentro do setting.

A partir de 1909, o termo empatia começou a ser estruturado como percebemos atualmente, mas foi na década de 40 que a atenção foi direcionada. Percebeu-se que era necessário, dentro da relação terapêutica, que o terapeuta conseguisse imergir na história de vida do cliente e que, despido de todas as suas concepções, tentasse perceber o mundo pelos olhos daquele que estava a sua frente.

Os estudos têm demonstrado particular interesse em como a empatia é criada, estabelecida, reforçada e que vantagens ou desvantagens há em seu real desenvolvimento dentro da relação psicoterapêutica para o cliente e também para a produção de conhecimento científico através dos estudos do terapeuta.

A empatia seria um despir-se de todo e qualquer julgamento realizado a partir das experiências de um indivíduo frente a outro. Somente com essa nudez se poderia alcançar a emoção e os sentimentos que este outro vivencia. Assim, para a Psicologia humanista, o encontro empático entre um indivíduo e o outro, ou entre o terapeuta e seu cliente, só acontece com o vivenciar junto, não se contagiando, mas compartilhando o momento sob uma esfera além do físico, mas emocional, intenso, e racional, entendendo que tudo o que se sentiu é do outro.

Estudos realizados por autores como Titchener, Freud, Allport, Reik, Rogers, Feshbach e Poe foram primordiais para que os autores referenciados na presente pesquisa pudessem compreender o

termo e desenvolver produções científicas, não mais sob um olhar individual, mas se direcionando para a relação terapeuta-cliente.

Na relação analista-analisando se vê a ocorrência da empatia para além da contratransferência do terapeuta. A transferência é um caminho necessário que ocorre quando o paciente encontra no analista autoridade, humildade e conforto, se identificando com a figura presente. Em mesmo nível, a contratransferência deve ocorrer, mas não é suficiente para o estabelecimento da empatia. Ela seria uma sintonia, o compreender e compartilhar com mesma intensidade, o mundo interno do paciente e suas relações. É necessário então, a fala do paciente, a compreensão do analista, a escuta diferenciada, e o se aprofundar no universo interno do indivíduo em análise.

Assim, diante todo material coletado, percebe-se que a empatia é condição essencial dentro do *setting* terapêutico. Nesse ambiente o terapeuta deve estar apto, inteiro, completamente entregue à relação. Sua posição é o que acolhimento, em que deve estar atento através da escuta ativa e direcionada para compreender todos os conteúdos para além da fala do paciente, tendo condições de tomar a profunda perspectiva emocional, se tornando um com a demanda apresentada e, assim, abrir espaço para o estabelecimento do vínculo seguro, ideal para a relação terapêutica.

### **Considerações finais**

O estudo foi realizado com o intuito de verificar como o tema tem sido estudado pela Psicologia contemporânea. Percebeu-se que o termo empatia vem se desenvolvendo ao longo do tempo acompanhando o processo de transformações sociais. Sua análise e compreensão perpassam todos os campos da Psicologia.

O indivíduo deve ser visto sob ampla perspectiva, como ser biopsicossocial. Através dessa premissa, percebe-se a importância de se estudar como este ser foi constituído. Encontra-se aí um desafio. Como compreender a história de vida, uma situação traumática ou visão de mundo e de ser no mundo carregada de emoções e sentimentos profundos, intensos, que sob cada cultura, cada ambiente social é percebida e sentida de uma maneira diferente?

É necessário entender então, como conseguir ver pelos olhos do outro. Como sentir, perceber e ver através do que o outro sente, percebe e vê. Como ir além do aparente. Como compreender, em sua essência, a experiência do paciente dentro da relação terapêutica.

Compreender o processo empático e como ele se desenvolve é a coluna de sustentação para um processo terapêutico de sucesso. Sendo assim, o terapeuta deve entender seu conceito, sua origem, como pode ser desenvolvida, seus benefícios e os malefícios que sua falta pode acarretar à vida do paciente.

Por meio dos estudos coletados entende-se que sem seu estabelecimento na relação terapêutica a mesma não acontece de maneira eficaz. O pior cenário seria então, uma relação terapêutica inconsistente, sem o estabelecimento de um vínculo, sem promoção de saúde, podendo haver a piora do paciente. Logo, é premissa para o tratamento psicoterapêutico.

Hoje o termo é estudado de forma interdisciplinar como podemos perceber através do artigo de Andrade et al. (2018), sobre *neurolaw*, onde procura-se entender a relação entre o estabelecimento da empatia e a disposição a um comportamento regido pela ética social que norteia a vida cívica do indivíduo, resultando na possível prevenção de processos jurídicos de esfera penal.

Nos estudos realizados por Olmos (2012), sobre a empatia e o processo educacional, bem como no estudo científico internacional de Beadle et al. (2013), que versa sobre a empatia e a relação com a amnésia hipocampal, é nítido o direcionamento multidisciplinar de pesquisa.

Isso significa que o termo tem sido tema de pesquisas mais abrangentes. O constructo ainda é novo e teve seus estudos intensificados a partir de 2012. Contudo, as produções científicas ainda são tímidas. Percebe-se a necessidade de novos estudos, tanto sob pesquisas qualitativas, quanto quantitativas para produção de novos conhecimentos. Para além da relação terapêutica, sugere-se estudos sobre a empatia e suas potencialidades em outras áreas de atuação do psicólogo.

É indubitável sua importância, seu significado para comunidade acadêmica e para a promoção, prevenção e tratamento da saúde mental do indivíduo dentro da relação terapêutica. Isso porque o intuito da psicoterapia é a capacidade de generalização do comportamento aprendido dentro da relação terapêutica para seu meio social.

### Referências Bibliográficas

- Andrade, M. D., Cartaxo, M. A. & Mota, R. G. (2018). Neurolaw e as perspectivas para uma análise objetiva do comportamento sugestionado: Repercussão das falsas memórias na esfera penal. Brasília, DF: Revista Brasileira de Políticas Públicas. Volume 8, nº2, p.1016-1034.
- Beadle, J. N., Tranel, D., Conen, N. J. & Duff, M. C. (2013). Empathy in hippocampal amnesia. Revista eletrônica *Frontiers in Psychology*, Volume 4, p.69. DOI=10.3389/fpsyg.2013.00069. ISSN=1664-1078. Recuperado de: [www.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2013.00069](http://www.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2013.00069)
- Brown, B. (2012). A arte da imperfeição: Abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo. Ribeirão Preto – SP: Editora Novo conceito, p.30-31.
- Cupertino, M. A. M. (2015). Empatia na discórdia. Programa Escolas Transformadoras. Revista A importância da empatia na Educação. Recuperado de: [https://escolastransformadoras.com.br/wpcontent/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](https://escolastransformadoras.com.br/wpcontent/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf)

- Fator, T. (2010). A teoria psicodramática e o desenvolvimento do papel profissional. Recuperado de: <http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/131/2/Teoria%20Psicodramatica.pdf>
- Filho, J. M. e colaboradores. (1992). Psicossomática hoje. Editora Artes Médicas, p.97.
- Fontgalland, R. C. (2011). A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. Fortaleza, CE: Dissertação de Mestrado. Universidade de Fortaleza, 159f.
- Formiga, N. S. (2012). Os estudos sobre empatia: Reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. Revista eletrônica psicologia. com. Pt. O Portal dos Psicólogos, 1, 1-25.
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D.T. (2009). Métodos de pesquisa. Porto Alegre, RS: Editora UFRGS. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Recuperado de: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>
- Olmos, A. (2015). Empatia: algumas reflexões. Programa Escolas Transformadoras. Revista A importância da empatia na Educação. Recuperado de: [https://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](https://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf)
- Rios, G. S. (2013). Análise do desenvolvimento de empatia aos dois anos de idade - Contexto de criação e presença de depressão pós-parto. São Paulo, SP: Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 120 f.
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. S. & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. Revista Psicologia, Ciência e Profissão, p.213-226. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a02.pdf>
- Semer, N. L. (2010). A empatia psicanalítica. Rio de Janeiro – RJ: Revista Brasileira de Psicanálise, volume 44, nº 3, p.189-191. Original Editora Companhia de Freud. Rio de Janeiro, 2008, p.255, Stephano Bolognini. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2010000300018](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300018)
- Silva, A. B. B. (2008). Mentis perigosas - O psicopata mora ao lado. Editora Fontanar, p.15-40.
- Vieira, P. (2017). O poder da autorresponsabilidade: A ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo. São Paulo – SP: Editora Gente.
- Zaclis, C. S. (2016). Comportamentos éticos/ morais: Em foco a produção de artigos da Análise do Comportamento compreendida entre os anos de 2002 a 2015. São Paulo, SP: Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 93 f. Recuperado de: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19454>

### **Notas de Rodapé**

- <sup>1</sup> Não há ainda definição específica sobre o termo “*neurolaw*” nos dicionários de língua inglesa ou portuguesa. O termo é referenciado em artigos científicos na área de direito entendido como neurodireito, sendo escrito através de uma palavra e compreendida como a influência da neurociência na definição dos limites do juízo e consciência moral.